

ÉTICA E O RELATIVISMO, segundo Paul Valadier

Júlio Cesar Rodrigues*

Etimologicamente, ecologia significa “estudo da casa”, no qual o radical de origem grega *oikos* e sua derivação latina *eco* denota casa ou lar. Essa casa, não apenas a moradia individual ou familiar onde habitamos, se determina como a casa de todos nós, o planeta Terra. Cada pessoa pode ter uma casa, mas nem sempre nela temos um verdadeiro lar. Isso, pois a constituição do lar dependerá dos habitantes que habitam esse lugar que não é apenas um lugar geográfico, mas um lugar definido onde cada um se encontra e se faz, identificando e compreendendo-se como ser do mundo. Nos últimos tempos, constituiu-se uma consciência planetária, ou seja, compreendeu-se que cada um é corresponsável pela vida de toda o planeta a partir de suas ações, de suas necessidades e de seus desejos. Não basta habitar o planeta para sentir-se parte dele, embora muitas vezes o ser humano construa uma relação unilateral com a Terra. Isso significa que cada ser humano tira do seu ambiente, mas não devolve o uso que faz dele, gerando um desequilíbrio com o planeta afetando todo o sistema.

Dessa forma, o ser humano interage no ambiente, com seus habitantes e seu contexto natural, graças a suas ações no mundo, voltando-se para Deus, para a Natureza e para os outros. Nesse contexto, observa-se o *ethos* (enquanto hábito e costume), visto que nenhuma sociedade humana sobrevive sem a ética, pois ela nos ajuda a formular nossa própria identidade de ser humano no mundo. Mesmo tendo a ética essa importância inegável, a contemporaneidade vive uma profunda crise de valores, arquitetada pelo relativismo que descaracteriza toda a pretensão de se constituírem valores, firmando as ações realmente importantes da vida humana.

O pensador alemão Friedrich Nietzsche é um dos pilares fundamentais para a discussão do problema dos valores, seja enquanto uma possibilidade de reconfigurá-los, seja para definir novos valores para a tão conturbada vivência humana nesse novo contexto. Esse contexto se apresenta cada vez mais globalizado e plural, ambiente propício para a disseminação de uma série de dificuldades instituídas pelo movimento relativista e niilista. Professor de Filosofia Moral e Política das Faculdades Jesuítas de Paris, Paul Valadier se propõe a estudar a problemática dos valores frente ao relativismo, normalmente considerado como uma solução para a constituição de novos valores, literalmente “antenados” nas necessidades dos novos tempos. É possível constituir uma ética contemporânea? Ou ainda, é

* Mestre em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, juliorodrigues2@yahoo.com.br

necessário constitui-la, ou os valores devem passar por uma nova genealogia de seus princípios?

Enfim, é aqui que deve entrar a reflexão de uma nova consciência planetária, buscando entender a necessidade da ética para um novo modo de “ser” humano, equilibrado com o “ser” *oikos*, típico da Gaia-Terra, nossa mãe e genitora.

PALAVRAS-CHAVE: Consciência Planetária. Relativismo. Valores. Ética.

1. INTRODUÇÃO

A ecologia tem se revelado nos últimos anos um problema urgente e iminentemente necessário, visto que a humanidade tem passado por uma série de dificuldades com relação ao cuidado com sua casa. Contudo, é importante pensar que o problema ecológico não pode se tornar o único problema da esfera humana, uma vez que ele representa um conjunto de dificuldades presentes na realidade humana última. Por isso, o professor Paul Valadier traz toda a sua reflexão acerca do aforismo nietzscheano, não apenas sob a perspectiva de um ateísmo moderno, mas sendo compreendido como um diagnóstico constante de uma humanidade que se coloca em constante transformação e mudança.

1.1. Ecologia é dominar o mundo, segundo a vontade humana?

Nos últimos anos, estabeleceu-se uma profunda preocupação com a perspectiva ECOLÓGICA, graças à uma série de acontecimentos e tragédias na vivência do ser humano dentro do planeta. Infelizmente, diversas dessas tragédias tem trazido um número incontável de mortes e de destruição para o cotidiano da comunidade humana. A grande dificuldade reside no fato de que o principal responsável por esse conjunto de situações tem sido o próprio ser humano, incapaz de constituir um equilíbrio com a sua morada, o seu lugar de vida.

A partir do momento em que, na filosofia grega, superou a dependência dos mitos, enquanto constituidores e definidores das práticas humanas, o ser humano se tornou agente de sua história e trouxe para si mesmo a responsabilidade daquilo que acontecia no planeta que habita. À medida que essa autonomia se estratificou e a capacidade humana de transformar

profundamente o seu *habitat* se tornou eloquente, mais o ser humano passou a interferir nos acontecimentos e no ritmo das situações naturais, chegando inclusive a destruir definitivamente espécies da fauna e da flora da Natureza. Obviamente, houve uma justificação teórica, tanto filosófica quanto teológica, que sedimentou suas ações dentro do mundo. Basta lembrar que no trecho do livro do Gênesis, o ser humano é colocado como aquele que dominaria a Terra, impondo sua vontade e seus desejos, acima de tudo e de todos. Diz o trecho:

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra. Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; homem e mulher ele os criou. Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra.’ (Gn 1,26-28)

Deus não deu apenas ao homem a ordem para povoar a terra, mas também para domina-la. Toda a natureza foi criada para uso do homem. Neste mandamento vemos o mandato para toda a verdadeira ciência. Todo avanço na agricultura, criação de animais, transporte, energia, química, medicina e outros campos é incluído neste termo. Sendo assim, o ser humano passa a estabelecer “como” o mundo passa a girar, o que de uma certa forma é ratificado pela leitura pura e bruta do texto bíblico. Obviamente, entende-se que a bíblia é um livro sagrado pela sua constituição e aplicabilidade histórica, mas que em nenhum momento teve a pretensão de ser um livro de história, disposto a narrar os acontecimentos *pari passu*, ou mesmo uma legislação, formuladora de leis e preceitos. Por isso, a bíblia é um livro que exige interpretação e discernimento de sua mensagem. Dominar não significa utilizar irresponsavelmente, pois assim a própria terra sucumbirá ante nossa devastação. Dessa forma, nos distanciamos de nossa própria origem, o que nega a nossa condição de ser-no-mundo, como enfatiza BOFF (1999, p.72):

O ser humano, nas várias culturas e fases históricas, revelou essa intuição segura: pertencemos à Terra; somos filhos e filhas da Terra; somos Terra. Daí que o homem vem de húmus. Viemos da Terra e a ela voltaremos. A Terra não está à nossa frente como algo distinto de nós mesmos. Temos a Terra dentro de nós. Somos a própria Terra que na sua evolução chegou ao estágio de sentimento, de compreensão, de vontade, de responsabilidade e de veneração. Numa palavra: somos a Terra no seu momento de auto-realização e de autoconsciência.

Contudo, essa perspectiva não pode se ater apenas a uma leitura egoísta do mundo, mas sim de uma leitura de um mundo global, de fato, planetário em todos os sentidos. Por

isso, a ecologia é o termo que melhor expressa a relação do ser humano no mundo. A partir de um estudo etimológico, **ecologia** significa “estudo da casa”, isto é, *oikos* + *logia* e em sua derivação latina *eco* que denota **casa** ou **lar**. Não apenas no sentido individual de “a minha casa”, mas de **nossa casa**, a casa da comunidade humana. Ter uma casa não significa apenas possuir uma morada individual ou familiar onde habitamos, se determina como a casa de todos nós, o planeta Terra. Cada pessoa pode ter uma casa, mas nem sempre nela temos um verdadeiro lar. Isso, pois a constituição do lar dependerá dos habitantes que habitam esse lugar que não é apenas um lugar geográfico, mas um lugar definido onde cada um se encontra e se faz, identificando e compreendendo-se como ser do mundo. Nos últimos tempos, constituiu-se uma consciência planetária, ou seja, compreendeu-se que cada um é corresponsável pela vida de toda o planeta a partir de suas ações, de suas necessidades e de seus desejos. Não basta habitar o planeta para sentir-se parte dele, embora muitas vezes o ser humano construa uma relação unilateral com a Terra. Isso significa que cada ser humano tira do seu ambiente, mas não devolve o uso que faz dele, gerando um desequilíbrio com o planeta afetando todo o sistema.

1.2. Ser humano é estar e agir no mundo

Cada um de nós interage com o meio ambiente, tanto com os outros humanos que habitam o mesmo planeta, quanto com as biodiversidades que existem em nossa casa. Dessa forma, sujeito/agente histórico em que se tornou o ser humano no planeta, passa a assumir condições essenciais de vida e de existência, principalmente no uso de suas ações e de suas escolhas, o que evoca o sentido da liberdade e das consequências de cada ação. Para tanto, necessitou-se criar a ética, enquanto possibilidade universalizável de compreender as ações do ser humano, voltadas para um fundamento essencial, a Vida – não apenas a minha ou a sua vida, mas a Vida no sentido universal do termo, isto é, a vida equilibrada no planeta em que se vive.

A Grécia cunhou o termo *ethos* em duas vias diferentes, a primeira enquanto costume – inteiramente social – e o segundo como hábito – implicitamente individual. Dessa forma, a ética alcançará o sinônimo de vida plena, capaz de transpor o simples significado de moral, ligado a certas regras e leis de um determinado povo, em um determinado tempo e situação. Por isso, a ética possui uma concepção universalizada e não simplesmente universal, o que lhe conferiria um caráter absolutizado e eliminador de toda e qualquer vertente diferente do que se espera. É essencial entender que nenhuma sociedade humana é capaz de sobreviver sem a

constituição de um campo ético, visto que sem uma compreensão do valor que tem a vida, cada agente ou sujeito pode não conseguir manter a sua própria existência. A terminologia ética ou mesmo moral corre um risco constante de ser considerada apenas, enquanto um senso comum e não segundo uma compreensão maior do modo de ser do humano no mundo, isto é, guiado pelas diversas possibilidades de regras e determinações.

O mundo contemporâneo tem vivido em meio a uma discussão constante no tocante à perspectiva ética e moral, a partir do ponto de vista do dualismo entre relativismo e absolutismo. O absolutismo foi sustentado na vida humana como mais presente, uma vez que se tornou uma prática comum colocar valores, ideias e conceitos como essências intransponíveis, de tal forma que conseguissem sustentar e amparar as escolhas e opções feitas pelo ser humano. Nessa categoria pode-se pensar na compreensão de Deus, do Bem, da Justiça e da Verdade. Dessa forma, o ser humano, conforme afirma o alemão Friedrich Nietzsche, se liga constantemente aos absolutismos, de modo a justificar suas ações em nome de uma realidade maior e mais ampla. Este ponto é exatamente aquele que o autor alemão criticou de modo tão incisivo. Tanto que não vendo outra solução para libertar o ser humano dessa submissão ao nome dos absolutismos, Nietzsche no parágrafo 125 do livro **Gaia ciência**, descreve:

Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? (...) Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos. Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará deste sangue? (NIETZSCHE, 1999, p.148)

A morte de Deus não significa apenas a morte da divindade, em nome da instituição de um ateísmo irrefutável. Isso porque não há mais deus ou divindade, capaz de sustentar e justificar as ações humanas. Sendo assim, como o ser humano poderia constituir seus valores e suas referências necessárias para uma vida que valha a pena ser vivida, uma vez que Deus não está mais presente para definir o que é ou não importante para o ser humano ao construir suas escolhas? Como se pode constituir novos valores para a vida humana, se tudo que se busca é compreender a necessidade de uma divindade, capaz de sustentar a própria vida humana? Nietzsche salienta que quando se coloca uma “escravidão” a Deus, ou à divindade, o ser humano abre mão de sua própria identidade e, com isso, perde a sua referência básica em um mundo que se revela alicerçado em um movimento constante. Mas, Nietzsche não vê a

perda do referencial divino, como a perda dos rumos e direções propostas pela humanidade. Esse momento se revela como uma oportunidade real para se reconstruir a base dos valores humanos, não mais em uma realidade ulterior a ele mesmo, mas sim fundada na própria existência humana, que se revela e se constitui no mundo em que vive, o planeta o *oikos* em que ele existe.

O professor Paul Valadier, enquanto especialista em Nietzsche, enfatiza a necessidade de se acolher as críticas nietzscheanas como um novo direcionamento da vida humana diante de seus desafios e dificuldades em lidar com os problemas que a vida cotidiana propõe a cada ser humano no mundo. Valadier compreende a dificuldade em se construir uma base de pensamento e de ação dentro da realidade, capaz de favorecer uma reconstrução de ideias e de conceitos, suficientes para projetar o ser humano dentro do seu cotidiano. Isso porque como já se disse antes, o momento atual conta com uma grande rejeição ao absolutismo, optando claramente por um relativismo do mundo e de seus acontecimentos. Nietzsche compreende que o relativismo se revela como uma manifestação contemporânea do niilismo, que acaba por deixar todas as definições e conceitos utilizados – enquanto base de conhecimento – ligadas a uma nadificação de qualquer valor ou compreensão da realidade. Isso significa dizer que as normas, as regras estabelecidas pelos membros da vida social não são suficientes para contentar a busca dos indivíduos por um direcionamento eficaz de ações e atitudes em um mundo cercado por constantes dúvidas e dificuldades. Tal problematização nos lança em um conjunto de questões desafiadoras: é possível estabelecer uma ética capaz de sustentar a vida humana diante de seus desafios típicos e constantes do mundo em que se vive? Como estabelecer valores éticos essenciais para a vida social, sem cair em um relativismo que a tudo aceita ou em um absolutismo que torna todas as coisas eternas e imutáveis? Como superar o sentimento niilista que extrai de todas as situações qualquer sentido possível? Mesmo sendo extremamente desafiadoras, essas questões se revelaram como fundamentais para que o ser humano se assentasse em um movimento constante e eficaz do seu modo de “ser” no mundo e nas situações, a que cada um se coloca de modo distinto e específico.

Obviamente, a “morte de Deus” diagnosticada por Nietzsche ainda na modernidade, sugere uma constante reavaliação das ações humanas, a fim de que não se caia em uma profunda estagnação, capaz de corromper os princípios essenciais de que cada um necessita no seu cotidiano. Nietzsche enfatiza a necessidade de se dedicar constantemente a uma genealogia dos valores, a fim de perceber que através dela se pode adequar cada preceito e pensamento à necessidade humana de viver, tanto individualmente, quanto em sociedade. Paul Valadier não pensa no niilismo ou no relativismo, enquanto soluções para a necessidade

de se constituir novos valores, principalmente no campo da moral, no campo ético constantemente submetido a novos testes e dificuldades.

1.3. O agir no mundo necessita da mudança constante, inclusive na ecologia

Compreendendo-se em uma realidade de mudanças constantes, típicas do movimento, Paul Valadier entende que a moral, enquanto conjunto de regras e normas adaptadas a cada realidade cultural e social, deve estar constantemente se reorganizando às novas necessidades de cada situação. Por isso, a óptica nietzscheana de reavaliar os valores, de acordo com o movimento da sociedade contemporânea, torna-se fundamental para a vivência do ser humano diante de novas perspectivas e atitudes essenciais para uma vida que se institui através das mudanças constantes, típicas do movimento que permeia a vida do ser humano no mundo, neste mundo, nesta casa.

Nessa perspectiva de pensamento, pode-se imaginar que Paul Valadier compreende a necessidade que o ser humano tem de, constantemente, reavaliar suas atitudes diante das adversidade do mundo. A ética, enquanto estabelecimento da ação consciente e racional do ser humano no mundo, deve se voltar sempre para uma nova realidade do ser humano no mundo. Isso porque ela se compreende a partir das atitudes específicas que cada indivíduo faz no mundo. Por isso, o mundo não é só um mundo humano por tê-lo como sujeito e agente, mas principalmente por sua casa, onde ele age e encontra sentido em sua existência. Leonardo Boff no artigo “Ética para a Nova Era” traduz a necessidade de uma ética ancorada no mundo de mudanças e de transformações, a fim de se preparar para as novas emergências e necessidades de um mundo em constante desenvolvimento. Como ele mesmo afirma (2009),

[...] O planeta, a natureza, a humanidade, os povos, o mundo da vida estão demandando cuidado e responsabilidade. Se não transformarmos estas atitudes em valores normativos dificilmente evitaremos catástrofes em todos os níveis. Os problemas do aquecimento global e o complexo das varias crises, só serão equacionados no espírito de uma ética do cuidado e da responsabilidade coletiva. É a ética da nova era. A ética do cuidado não invalida as demais éticas mas as obriga a servir à causa maior que é a salvaguarda da vida e a preservação da Casa Comum para que continue habitável.

Paul Valadier compreende que a necessidade de se adaptar às novas leituras de mundo podem ter conotações diferenciadas, desde que o ser humano se entenda como um ser que necessita de novas construções de vida e de existência para novos desafios de vida. O relativismo não deixa de ser um perigo para toda a realidade humana, já que acaba por

amenizar todos os problemas da vida cotidiana. Portanto, deve-se buscar reconstruí-lo, não como uma fuga da realidade ética ou moral, mas sim enquanto uma nova leitura de uma realidade já conhecida, mesmo que isso signifique abandonar antigos preceitos, antes considerados absolutos. Esse é o real desafio da humanidade que não se contenta apenas com uma perspectiva determinista ou absolutista da vida humana.

Como se pôde perceber a compreensão valadireana é ratificada pelo pensamento boffeano, no que diz respeito a uma nova roupagem da perspectiva ética e moral do mundo que se preocupa com o problema ecológico. Por isso, é essencial pensar a relação do cuidado como uma nova reação diante dos desafios de um mundo que se ocupa em se reeditar e se compreender, não apenas como um lugar de exploração e satisfação dos desejos e vontades humanas, mas sim como um lugar de desenvolvimento da própria espécie humana.

1.4. Não existe leitura ecológica, sem uma compreensão antropológica

Uma leitura “*eco-lógica*” compreende a perspectiva de uma leitura “*antropo-lógica*”, capaz de sustentar e alimentar um novo viés de pensamento humano e racional. Como já se afirmou no início dessa comunicação, pensar ecologicamente não significa reduzir o pensamento humano, mas sim ampliá-lo de tal forma que cada ser humano se entenda como participante efetivo de uma terra que é, ao mesmo tempo, sua fonte de constituição e origem, como também alicerce de continuidade que possibilita superar todo o relativismo em nome de uma relatividade capaz de compreender dimensões diferentes de si mesma e do mundo em que habita. É sempre preciso ir além das meras denominações, limitadoras de uma vida específica, para alcançar uma diversidade de compreensões e de pensamentos efetivos. Por isso,

[...] a marca essencial desse ‘novo tempo’ não é mais apenas de uma postura única, definitiva e determinada, mas a marca da compreensão e a de assimilação de diversas possibilidades plausíveis acerca do que se discute, sem, portanto, aceitar absolutamente tudo ou mesmo abster-se do que acredita ser fundamental. A possibilidade constante de ocorrer a constituição do relativismo é real e efetiva, já que, sem o cuidado devido, cada um pode tornar-se o novo absolutismo que a tudo permite ou proíbe. (RODRIGUES, 2010, p.112)

O cuidado que se deve ter, constantemente, é o de não tornar a busca por uma nova concepção ética, ou mesmo a leitura ecológica, um novo modelo de absolutismo, capaz de limitar quaisquer outras possibilidades de se pensar a vida humana no mundo que se quer transformar.

Enfim, não se pode esquecer é que, segundo o professor Paul Valadier, o aforismo 125 elaborado por Nietzsche é muito mais uma provocação que, constantemente, coloca o ser humano no centro dos acontecimentos e das escolhas éticas e morais, do que um mero decreto ateu moderno. De fato, compreendê-lo enquanto provocação, o torna muito mais necessário do que apenas entendê-lo como um decreto de um ateu descontente. É o mesmo desafio que, atualmente, a ética contemporânea nos faz, revestida de uma necessidade e uma preocupação ecológica.

CONCLUSÃO

Enfim, cada perspectiva humana passa necessariamente pela superação de um constante relativismo ético, enquanto desculpas para uma imobilidade e um inativismo ético e moral, que serve de justificativa para a não mudança do mundo em que estamos, que deve ser sempre a nossa casa, a nossa Terra.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. 1981. A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 1981. 1663p.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra / Leonardo Boff. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. ÉTICA PARA UMA NOVA ERA (junho de 2009). Disponível em www.leonardoboff.com. Acesso em 01out. 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RODRIGUES, Júlio César. **A inevitabilidade do relativismo e a secularização**: a situação da Igreja Católica, segundo Paul Valadier. 2010.